



Editorial

Gênero e Violências / Gênero e Trabalho e as resistências feministas contemporâneas

É com entusiasmo e responsabilidade que apresentamos o número 3 do volume 11 (2025) dos *Cadernos de Gênero e Diversidade*, composta por textos que, de forma crítica, analítica e sensível, abordam as múltiplas dimensões das desigualdades de gênero em suas articulações com raça, classe, sexualidade, territorialidade e institucionalidades diversas.

A capa deste número, é da artista Paula Aschidamini e faz parte da série Poéticas Históricas. Com esta arte damos início à parceria dos Cadernos de Gênero e Diversidade com o Curso de Artes Visuais da UFSM 2023, dando continuidade à nosso compromisso de divulgar artistas feministas.

Os artigos aqui reunidos revelam, com profundidade teórica e densidade empírica, as formas como os sistemas de opressão se articulam e se infiltram nas experiências cotidianas, nas instituições e nos corpos. Mas, sobretudo, nos mostram os caminhos possíveis — e já em curso — de resistência, reexistência e reencantamento do mundo.

Seja na **Seção Temática Gênero e Violências**, no **Dossiê Gênero e Trabalho**, na **Entrevista** ou no **Diário de Campo**, as vozes das autoras e autores ecoam reflexões profundamente comprometidas com a transformação social e a equidade de gênero, abordando desde o cotidiano de práticas de cuidado até os impasses entre maternidade e carreira.

Na **Seção Geral de Artigos**, temos contribuições que se debruçam sobre experiências e formas de resistência feminista contemporâneas.

No artigo *Brecha de gênero na indústria da música e o Girls Rock Camp como máquina de guerra*, Adrienne Pinheiro Reyes e Gabriel Sausen Feil mobilizam o pensamento de Deleuze e Guattari para propor uma leitura potente e provocativa sobre o Girls Rock Camp Brasil. A partir de um olhar ensaístico e imaginativo analisam o acampamento



musical como uma “máquina de guerra” feminista que subverte normas da indústria musical e desafia o status quo, tensiona os limites entre resistência e captura, entre transgressão e institucionalização.

No artigo *A Tecnologia de Gênero na análise de documentários: uma análise comparada de obras de Eliza Capai*, Isabela Tosta Ferreira investiga o papel das mulheres diretoras na construção de narrativas documentais, evidenciando como a abordagem feminista pode revelar perspectivas sensíveis e histórias sub-representadas. Ao explorar as contribuições de Teresa De Lauretis e seu conceito de “tecnologia de gênero”, a autora analisa como Eliza Capai, nos documentários “Elize Matsunaga: Era uma vez um crime (2021) e Incompatível com a vida (2023)”, constrói personagens e temas que desafiam estereótipos e ampliam o entendimento coletivo sobre as experiências humanas.

É possível conceituar o amor? E de que forma este sentimento (-verbo na concepção de bell hooks em “All About Love: New Visions”) vem sendo entendido na prática da Psicologia Clínica? Mônica Gurjão Carvalho, Thainara Silva Oshiyama e Daniel Moreira Salles Herculano apresentam uma Revisão Integrativa da Literatura sobre este tema, tendo como base a obra desta teórica norte-americana do feminismo negro. Aproximando os campos da teoria feminista com a da clínica psicológica, Gurjão et al. acreditam no amor como práxis, como “uma força de transformação social”. Em *Amor, cuidado e comunidade: contribuições de bell hooks para a prática da psicologia clínica*, as autoras e o autor propõem novos olhares sobre o “amar” em contraponto com o capitalismo afetivo ou a crise do amor, visando romper as barreiras do espaço terapêutico intraindividual, problematizando-o como um amor-ação ético e comprometido com o social.

Na sequência, Manoella Treis apresenta no artigo *Movimentos, Ativismo e Endometriose* uma rigorosa análise da inserção da endometriose na agenda de saúde pública brasileira. A partir do mapeamento de atores institucionais e sociais, a autora demonstra o papel estratégico de assessoras parlamentares, especialistas e do movimento Endomarcha no avanço de políticas públicas direcionadas a esta doença. Ao relatar os caminhos, desafios e esvaziamentos dessa mobilização, o artigo oferece importante contribuição à literatura sobre movimentos sociais de saúde, estudos de gênero e participação política.

Ainda na **Seção Geral de Artigos**, o coletivo formado por Luísa Horn de Castro Silveira, Simone Mainieri Paulon, Juliana Baldasso Siqueira e Helena Andrade Ew, nos leva a conhecer a Casa de Referência Mulheres Mirabal no artigo *A potência política do cuidado*. Fruto de



uma pesquisa-intervenção, o trabalho mergulha nas práticas cotidianas de cuidado, resistência e militância no espaço desta ocupação, mostrando como cuidado e militância são indissociáveis, e que os modos contra-hegemônicos de habitar e conviver que emergem nesses espaços afirmam novas formas de viver, resistir e reconstruir a cidade a partir de uma ética feminista.

A **Seção Temática Gênero e Violências** aprofunda o debate sobre como as estruturas de gênero atravessam as instituições e impactam a vida de mulheres em diferentes contextos.

Elza Beatriz Barros de Paiva, Breno de Oliveira Ferreira e Denise Machado Duran Gutierrez reuniram depoimentos de mulheres idosas que sofreram violência no âmbito familiar, entendendo como tais experiências assumem novas interfaces na velhice. O resultado pode ser lido no artigo *Violência familiar contra mulheres idosas que frequentam uma Universidade Aberta da Terceira Idade: compreensão analítica de seus discursos*. Diferentes sentidos para o tema foram atribuídos por suas colaboradoras, que verbalizaram ser a violência uma constante inevitável. Categorias como família e comunidade são abordadas aqui como lugares de convívio intergeracional e interseccional de vínculos, afetos, aprendizagens, mas também de muitos desafios e cicatrizes.

O artigo *Questões de gênero e desafios enfrentados por mulheres policiais militares no Brasil*, de Marizangela Lissandra de Oliveira, Renata Adele de Lima Nunes, Francisco Thiago Carneiro Sena, Ivanise Freitas da Silva e Raimunda Hermelinda Maia Macena, apresenta uma revisão integrativa que evidencia as barreiras estruturais e simbólicas enfrentadas por mulheres em sua atuação na Polícia Militar. Ao discutir temas como binarismo de gênero, violência institucional e desigualdade, o estudo denuncia o descompasso entre a presença crescente de mulheres na PM e a resistência institucional à implantação de políticas de equidade de gênero no interior da corporação.

Até que ponto o atendimento da Lei Maria da Penha consegue abranger as diferenças das mulheres atendidas? E quais marcadores raciais e sociais que estão à sombra da Legislação que as deveria amparar? Ana Julia Fontes Evangelista e Roberta Sant'Anna Kafrouni buscaram respostas a estas questões por meio do banco de dados de Periódicos Capes, com foco na produção científica entre 2010 e 2022. No artigo, *A violência de gênero contra mulheres negras a partir da promulgação da Lei Maria da Penha: uma Revisão Integrativa*, mostram que apesar dos artigos reforçarem a necessidade da abordagem



interseccional no conteúdo sobre a violência contra a mulher, foi verificada uma carência nos eixos de subordinação “gênero” e “raça”, mostrando que a Lei Maria da Penha, apesar de sua importância, ainda não é eficaz para todas as mulheres.

Na sequência, o artigo de Taciana Machado Aquino Ferreira, Virgínia Alves Carrara e Maria das Dores Saraiva de Loreto, A *judicialização do cuidado de pessoas idosas no Brasil*, propõe uma reflexão contundente sobre como raça, gênero e classe atravessam as decisões judiciais envolvendo cuidado. A partir de um levantamento documental e estatístico, as autoras expõem a reprodução de desigualdades no interior do próprio sistema de justiça, questionando a crença na imparcialidade do Judiciário brasileiro que é hegemonicamente masculino e branco.

Encerrando esta seção, Meyrielle Belotti e Sabrina Helena Ferigato assinam o artigo *Interfaces entre Violência de Gênero Contra Mulheres e a Saúde Mental*, uma revisão integrativa que evidencia a relação entre experiências de violência e adoecimento psíquico. As autoras apontam para a invisibilidade da violência nos serviços de saúde e para a urgência de ações intersetoriais que promovam o cuidado integral. O texto destaca a necessidade de práticas sensíveis à interseccionalidade, para que a saúde mental das mulheres não seja reduzida à patologia, mas compreendida em suas múltiplas dimensões sociopolíticas.

Na **Seção Entrevista**, Maria Ignez Silveira Paulilo compartilha, com as entrevistadoras Miriam Pillar Grossi com a colaboração de Suzana Morelo Vergara Martins Costa e Laura de Araújo Nunes Esteves, sua trajetória intelectual e política no campo dos estudos sobre mulheres rurais no qual construiu uma trajetória marcada por investigações pioneiras sobre o trabalho feminino no campo, atuando como docente nas universidades federais de Campina Grande e de Santa Catarina. Ao longo da conversa, revisita momentos significativos de sua carreira, explica o conceito do “peso do trabalho leve” que é um marco de sua produção teórica e analisa tanto os avanços políticos alcançados pelas mulheres camponesas quanto os progressos institucionais na inserção das mulheres no campo acadêmico. A entrevista integra o projeto “Outros Olhares” do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS/UFSC) sobre a contribuição das mulheres na formação do curso de Ciências Sociais da UFSC, projeto premiado em 2025 no edital de vídeos sobre a Memória da Sociologia no Brasil, promovido pela Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS) com o vídeo *Bruxas Contemporâneas: as sociólogas da Ilha da Magia* de Barbara Michele



Amorim, Miriam Pillar Grossi, Suzana Morelo Vergara Martins Costa, Beatriz Heisecke de Almeida e Adriana Eidt.

O Dossiê Gênero e Trabalho inicia com dois artigos que iluminam o enfrentamento cotidiano de mulheres em profissões marcadas por desigualdades históricas no meio rural e no espaço aéreo.

O texto de Claudia Suely Barreto Ferreira e Silvia Lúcia Ferreira, *Representação e Posicionalidade no âmbito rural*, analisa o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE). A partir de narrativas e desenhos de mulheres do campo, o estudo revela as complexas relações entre empoderamento, representação política e resistência ao patriarcado nas zonas rurais. Ressalta-se a potência dos movimentos sociais como espaços de agência e transformação, mesmo diante das adversidades impostas por contextos conservadores.

Já o artigo *Carreira versus maternidade: desafios vivenciados pelas pilotas de linha aérea*, de Patrícia Nazário Leal Silveira, Carolina Maria Mota-Santos e Manoel Bastos Gomes Neto, traz à tona os dilemas enfrentados por mulheres que rompem a lógica de profissões masculinizadas. Com base em entrevistas com pilotas brasileiras, o estudo discute o adiamento da maternidade, a sobrecarga emocional e a invisibilidade institucional das demandas de cuidado. A análise evidencia a necessidade urgente de políticas de suporte à conciliação entre carreira e maternidade, além de apontar como a articulação entre sexismo e racismo opera silenciosamente nas trajetórias dessas mulheres.

Na continuidade, o dossiê aborda a temática da equidade racial que se impõe como pauta urgente para empresas e sociedade, o estudo *A Gestão da Diversidade e Inclusão Racial em uma Empresa do Vale do Sinos – RS*, de Ana Carolina Kayser, Taiana Martins de Oliveira e Paola Schmitt Figueiro, lança luz sobre práticas e desafios enfrentados por organizações que buscam construir ambientes de trabalho mais inclusivos. Ao investigar a experiência de uma empresa de grande porte na região, a autora apresenta um retrato consistente das iniciativas já implementadas, das percepções dos colaboradores e das oportunidades de avanço, contribuindo de forma relevante para o fortalecimento do debate sobre diversidade, inclusão e responsabilidade social corporativa.

O Diário de Campo deste número é dedicado à etnografia e ao testemunho de experiências de pesquisa imersiva. Em *Educação como ponte para dignidade*, Adara Pereira da Silva nos presenteia com um



relato sensível sobre as trajetórias educacionais de mulheres trabalhadoras domésticas em Natal (RN). O texto revela como a educação é vivida como projeto de vida e instrumento de dignidade, mesmo diante das desigualdades estruturais de gênero, classe e raça. A autora mobiliza o conceito de “projeto” de Gilberto Velho e a crítica educacional de Nilma Lino Gomes para problematizar as limitações do sistema escolar diante das múltiplas jornadas que marcam a vida das mulheres pobres no Brasil.

Finalizamos este número com a **Resenha** do livro *Fúria Travesti: Dicionario de la T a la T* (2021) mergulha na teoria travesti/trans latinoamericana de Marlene Wayar, psicóloga social argentina - que pensa o mundo a partir da sua própria experiência trans/travesti. O autor da resenha, Cristian Alejandro Darouiche, destaca sua contribuição no campo da linguagem em articulação com outras autoras feministas e dos Estudos Queer, pois a partir de suas vivências a autora contribui para o fortalecimento das teorias latino-americanas sobre o tema.

Por fim, agradecemos mais uma vez ao importante corpo de pareceristas que tem contribuído com os **Cadernos de Gênero e Diversidade** e, em particular à Guilherme Côrtes Ceolin, que colaborou na formatação final dos artigos deste número, Guilherme de Oliveira pela paginação e Rosa Blanca Cedillo, coordenadora do curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria.

Boa leitura!

Miriam Pillar Grossi - Coordenação editorial

Juliana Cavilha

Izabela Liz Schlindwein

Priscilla Gusmão

Equipe editorial dos Cadernos de Gênero e Diversidade